

Prof. Edson Potsch Magalhães

Prof. Arlindo P. Gonçalves

Prof. Joaquim Matoso

Prof. Jurema Soares Aroeira

Prof. J. M. Pompeu Memória

VOL. IX

N. 52

VIÇOSA — MINAS

Caixa Postal, 4—UREMG—E. F. Leopoldina

## Natureza e Estrutura da Profissão Agrônômica (\*)

HENRIQUE DE BARROS (\*\*)

É para mim — modesto agrônomo português que, sem renegar a minha Pátria, quase me considero já também brasileiro — é para mim honra muito grande e prêmio muito alto estes que, hoje, me são conferidos de falar numa reunião geral de toda a grei agrônômica da Escola Superior de Agricultura de Viçosa.

A Escola de Viçosa era já minha conhecida antes de ter chegado pela primeira vez ao Brasil, em 1949; a sua fama, com efeito, radicou-se o bastante para que, nós outros, os da agronomia lusitana, soubéssemos de há muito tempo que, neste pequeno rincão da terra mineira, existia e funcionava uma instituição que dava anualmente ao Brasil umas dezenas de bem preparados engenheiros agrônomos animados pela ânsia de melhorar a agricultura nacional, e através desta melhoria beneficiar o agricultor. No decurso, porém, das duas missões que já desempenhei no Brasil e desta que, desde maio, venho procurando cumprir, como sei e posso — esse conhecimento firmou-se e o prestígio da Escola de Viçosa cresceu constantemente no meu espírito.

Oportunidade, todavia, não tivera ainda de visitar a

(\*) Alocução proferida em reunião geral da E.S.A. da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, a 23 de setembro de 1953.

(\*\*) Da Universidade Técnica de Lisboa — Membro da Divisão Económica da F.A.O.



Universidade Rural de Minas Gerais e de transformar o conhecimento puramente informativo que tinha dessa instituição, naquele entendimento vivo e profundo que só o convívio direto é capaz de proporcionar. Semelhante oportunidade, foi-me trazida pelo convite do Prof. Edson Potsch Magalhães, e esta é a primeira vez que se me torna possível exprimir publicamente quanto me considero honrado e quanto estou agradecido por me encontrar em Viçosa, como convidado da sua Escola Superior de Agricultura, e em contacto com os seus mestres e os seus estudantes, contacto que, na medida em que de mim dependa, tudo farei para que seja íntimo e fraternal.

De agradecimento serão, portanto, as minhas primeiras palavras. Agradecimento à Escola, ao seu Diretor, aos seus Professores, em especial aos do seu Departamento de Economia Rural, ao seu Diretório Acadêmico, aos seus alunos, a todos quantos, de qualquer modo e a qualquer título, aqui trabalham em prol do progresso da agricultura brasileira e, portanto, do engrandecimento desta já tão grande Pátria, irmã da minha. Agradecimento, e muito penhorado, ao Prof. Potsch, pela iniciativa que tomou de trazer-me até Viçosa, e ainda pelas palavras de boa amizade, e por isso mesmo exageradas, com que se designou apresentar-me nesta reunião. O Prof. Potsch de Magalhães e eu, embora só ontem nos tivéssemos encontrado pela primeira vez, somos já velhos conhecidos, aproximados como estamos pela condição de oficiais do mesmo ofício; de modo que o ambiente de prestígio que vejo ser o dele aqui, não me causou a menor surpresa, sabedor como eu já estava do seu valor profissional e da justa fama que desfrutava, por todo esse vasto Brasil, como economista rural e como professor.

Isto posto, passarei à leitura dumas breves, e aliás despretenciosas, considerações que preparei para hoje, um tanto à pressa aliás, e que versarão em redor dum assunto por certo aliciente: "Natureza e Estrutura da Profissão Agrônômica". A ver vamos se o orador saberá manter-se ao nível do tema que escolheu.

Tentar compreender, com o máximo possível de lucidez, a verdadeira natureza da profissão que se escolheu e exerce; saber em que consiste; que características específicas são as suas; como se decompõe; que finalidades visa; que pers-



pectivas apresenta; que limitações encontra; que posição ocupa no quadro das atividades nacionais; que ligações apresenta com as ciências, com as técnicas e com as outras profissões; que contribuição recebe destas e que auxílio é capaz de dar-lhes; — eis aqui uma série de motivos de reflexão que não podem deixar de merecer o interesse de profissionais conscientes.

A título de mostrar o meu reconhecimento e o meu aprêço por esta Casa que se digna hoje receber-me, eu professor de agronomia em Portugal, hoje a serviço temporário da grande e fraterna Nação Brasileira, como funcionário do organismo das Nações Unidas responsável pelos problemas mundiais da alimentação e da agricultura; eu, que me considero agrônomo por vocação e que à agronomia tenho dedicado a vida inteira; — pensei que, em vez de banais saudações, puramente retóricas, ou de dissertações com importunas pretensões científicas, melhor faria se trouxesse para esta reunião de técnicos o produto de algumas observações singelas que tenho podido fazer acerca da profissão que nos é comum. Observações que, perdoem-me os Srs. professores, eu destinarei especialmente aos estudantes aqui presentes, a êste grupo de técnicos no alvor da sua vida profissional, de quem o Brasil tanto tem o direito de esperar.

A agronomia nem é uma profissão simples, nem é uma profissão fácil.

Simples não é certamente, como todos aqui bem sabemos. Afigura-se-me mesmo que não há outra profissão de nível universitário que se lhe compare em complexidade. Não me estou a referir, como é evidente, à própria categoria da ciência agronômica considerada em globo e posta em confronto com outras. Absurdo seria, com efeito, pretender que, do ponto de vista da sua profundidade, do seu nível mental e de conhecimentos, do seu valor como um todo, a agronomia superasse, digamos, a medicina ou o direito, a engenharia ou a economia, etc. Não é de tais comparações que se trata, obviamente. Quando afirmo que a agronomia é uma profissão particularmente complexa, estou a atender o termo complexidade no seu significado genuíno, que não é simplesmente o de dificuldade ou profundidade, mas sim o de dificuldade por motivo de variedade. Ou, para dizer melhor ainda: de falta de unidade. A falta de unidade científica,



quer do ponto de vista das disciplinas que abrange, quer principalmente dos tipos mentais bem distintos que caracterizam os seus cultores — é, com efeito, um traço muito típico das chamadas ciências agrônômicas. Apresso-me a esclarecer que falta de unidade científica não é o mesmo que ausência de unidade profissional. O objetivo comum das ciências agrônômicas, aquêle para o qual tôdas harmoniosamente concorrem — ou seja elevar a produção da terra, sem lhe comprometer a capacidade produtiva, e a custo economicamente suportável —, é mais do que suficiente para unificar a agronomia, como profissão técnica que é, e para definir, com claridade que não comporta equívocos, o seu campo específico de ação.

Quando, portanto, me refiro à falta de unidade científica, eu quero apenas dizer que, para a formação do agrônomo, e ao contrário do que sucede em todos ou quase todos os outros estudos de nível superior, concorrem ciências e técnicas dos mais diversos tipos. Creio que ninguém contestará quão diferente se apresentam, em sua preparação, em suas preocupações e até, como já disse, em seu próprio tipo mental, um biólogo, um químico, um engenheiro, um economista. Tão diferentes, na verdade, que, muitas vezes neste ambiente de tendência à especialização em que vive o mundo de hoje, é quase como se habitassem planetas diversos ou pelos menos, como se falassem línguas distintas. Se olharmos para as diversas profissões técnicas de nível superior, observaremos que cada uma delas se caracteriza pela exclusividade ou acentuada predominância de determinado tipo de formação científica: o médico é essencialmente um biólogo, como é o veterinário; o engenheiro, nas suas diversas especialidades, é fundamentalmente um cultor de matemáticas aplicadas e um técnico da matéria inerte; o advogado é um técnico em ciências sociais, como o é, embora sob outro ângulo de visão, o economista, etc., etc. Eu não ignoro, aliás, que certos resultados da ciência moderna tendem a unificar as ciências da Natureza e que, por exemplo, a distinção entre a química e a física, e até entre a biologia e a físico-química, não apresentam hoje aquela nitidez que lhe atribuíam nossos pais. Não ignoro isto, mas o que afirmo é que, do ponto de vista do exercício das profissões técnicas, e não no da ciência pura, existe bastante nítida especialização científica na generalidade daquelas profissões.



Ora, e só aqui pretendia chegar, a mais simples reflexão sobre a estrutura da profissão agrônômica mostra que ela não apresenta semelhante característica. Que ciências concorrem, na verdade, para a formação do técnico em agronomia? Em primeiro lugar, evidentemente, as biológicas e, entre estas, fundamentalmente, a botânica. E tão invasores se mostram hoje, nas ciências agrônômicas, os cultores da biologia que até nos domínios da pedologia, outrora reservados a físicos e a químicos, elas estão penetrando com ímpeto crescente. Depois a química, com tão largo campo de aplicação no estudo de solos, de plantas e nas indústrias agrícolas. A física, fundamental em pedologia e climatologia. A matemática, dia a dia mais indispensável, como ferramenta de uso comum a tantos ramos da agronomia, não só no setor da engenharia rural, designadamente na hidráulica e nas máquinas agrícolas, mas até no setor da biologia, através da aplicação do cálculo das probabilidades à experimentação agrícola. A geografia, através dos estudos de fito-botânica, por um lado, e da estrutura agrária por outro. A sociologia, em sentido amplo, isto é, como sinônima de ciência social, abrangendo a economia, a sociologia em sentido restrito, e até um pouco de direito.

Tão diversa se apresenta, na verdade, a profissão agrônômica que, na prática, a maioria dos engenheiros agrônomos se especializa: uns são biólogos, outros químicos, outros engenheiros, outros economistas, outros sociólogos, outros geógrafos humanos. E a verdade é que, volto a insistir, do ponto de vista das respectivas mentalidades, condicionadas estas, como estão, pelas preocupações dominantes da personalidade, uma coisa é um biólogo, e outras, bem distintas, um engenheiro ou um economista. E', neste sentido, por consequência, e para não me alongar mais, que eu sustento ser a agronomia uma profissão de excepcional complexidade. A complexidade, a falta de unidade científica, já disse que não deve significar ausência de unidade profissional. A unificação profissional das ciências agrônômicas consegue-se, quanto a mim, e perdoem-me que esteja advogando em causa própria, através da Economia Agrária.

A Economia Agrária é, com efeito, no quadro das ciências agrônômicas, uma disciplina de síntese e coordenação. Abster-me-ei de apresentar agora a demonstração, fácil aliás, desta afirmativa — já que a reservo para uma palestra,



a realizar ainda hoje no Club Ceres, em que procurarei analisar a posição da Economia Agrária perante a Agronomia. De qualquer modo, a afirmação favorável à índole unificadora, integradora, da economia, relativamente ao conjunto de matérias que constituem a agronomia — ficou desde já claramente expressa, e de momento é quanto basta.

Quem não tenha perdido o fio a este singelo discurso, recorda-se talvez eu ter dito que, além de não ser uma profissão simples, a agronomia não era uma profissão fácil. Dêste segundo aspecto, passarei agora a tratar.

Fácil não é, evidentemente, hoje em dia, profissão alguma de base técnica, porque fáceis não são, em geral, os problemas do profissional de nível universitário, perante o adiantamento científico da época e a gravidade das questões que estão reclamando solução urgente. Não é, portanto, neste sentido que classifico de particularmente difícil a profissão agrônômica. Uma vez mais, não pretendo estabelecer confrontos absolutos entre a agronomia e as outras profissões de categoria comparável. Desejo, apenas, tal como fiz a propósito da complexidade, pôr em relêvo uma característica que julgo típica na atividade dos engenheiros agrônomos.

Três ordens de dificuldades, sempre conjugadas, encontra o agrônomo a dificultar-lhe os esforços: 1) trabalha com seres vivos, plantas e animais, cuja resposta à ação modificadora do homem — característica essencial do trabalho técnico —, é sempre incerta e variável, e por isso mesmo dificilmente previsível ou talvez nem sequer previsível; 2) atua num ambiente que, em certo sentido, vivo também se pode considerar, e que é o constituído pelo solo e pelo clima, cujas ações e reações são igualmente variáveis, oscilantes e de efeitos portanto mal previsíveis (apesar de recentes progressos) sobre os resultados visados pelos homens; 3) age, por último, em contacto com um ramo de atividade humana que se caracteriza essencialmente pela dispersão inorgânica, pela inter-concorrência, pela inércia, pela tradição e pela resistência instintiva ao progresso técnico, progresso este que nunca aceita sem que, do seu benefício econômico, tenham sido apresentadas provas concludentes e palpáveis. Diz-se às vezes que “de médico e de louco todos temos um pouco”. Mas eu creio que o aforismo melhor aplicado seria ao caso dos agrônomos. De agronomia, com efeito, todos



julgam saber, até o cidadão que tem quatro fruteiras no seu quintal; todos opinam, todos se permitem contestar os pareceres dos técnicos, e esta não é certamente uma das dificuldades menores da nossa profissão. Formulários, tabelas, régua de cálculo, soluções pre-fabricadas, normas "standard" são meios do que, em geral, não consegue o agrônomo lançar mão, para lhe amenizar a solução de problemas profissionais.

Profissão, portanto, complexa e difícil é a nossa, senhores professores e senhores estudantes de agronomia de Viçosa. Aquela que eu exerço há 25 anos, aquela que os vossos mestres bem conhecem, aquela que vós outros estudantes, ireis em breve começar a exercer.

A consciência dessas complexidade e dificuldade, não deve ser, porém, motivo para desânimos ou hesitações. Deve, pelo contrário, ser a razão de esforços mais altos e mais tenazes, para maior prestígio da nossa profissão e para maior progresso do vosso Estado e da vossa Pátria.

A esses esforços, como representante da F.A.O., a mais importante organização internacional onde cooperam agrônomos de tôdas as Nações, eu tomo a liberdade de vos concitar, com licença dos vossos mestres, senhores agrônomos de Viçosa, meus amigos, meus camaradas, meus irmãos.